

PROPOSTA DO DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA PARA O PLANO DE APERFEIÇOAMENTO DIDÁTICO (PAD)

1. Justificativa teórica

A formação em Filosofia apresenta a especificidade de não poder separar **conteúdo e forma**. Isso quer dizer, em termos práticos, que a própria formação nos “conteúdos” filosóficos implica, por si mesma, uma formação sobre a “forma” de se fazer e de se ensinar Filosofia. Já as *Orientações Curriculares para o Ensino Médio*, de 2006, advertia a esse respeito, dizendo que uma preocupação didática separada da formação filosófica induzia a equívocos, diferentemente do que ocorre com outras áreas do conhecimento:

“Como sabemos, uma simples didática (mesmo a mais animada e aparentemente crítica) não é por si só filosófica. Não basta então o talento do professor se não houver igualmente uma formação filosófica adequada e, de preferência, contínua. Isto é, pois, parte essencial desta discussão. Ser capaz de valer-se de elementos do cotidiano pode tornar rica, por exemplo, uma aula de Física, mas não torna um discurso sobre a natureza uma aula de Física, no sentido disciplinar que estamos dispostos, coletiva e institucionalmente, a reconhecer. Da mesma forma, a utilização de valorosos materiais didáticos pode ligar um conhecimento filosófico abstrato à realidade, inclusive ao cotidiano do estudante, mas a simples alusão a questões éticas não é ética, nem filosofia política a mera menção a questões políticas, não sendo o desejo de formar cidadãos o suficiente para uma leitura filosófica, uma vez que tampouco é prerrogativa exclusiva da Filosofia um pensamento crítico ou a preocupação com os destinos da humanidade”¹.

A conclusão do documento era clara no sentido de dizer que uma boa formação filosófica é condição necessária para uma boa didática filosófica. Aliás, as melhores reflexões sobre o ensino de Filosofia (tanto em nível de ensino médio como superior) começam sempre por lembrar que toda reflexão a esse respeito, ou seja, sobre o ensino de Filosofia, deve iniciar pela reflexão mais básica sobre o que seja a Filosofia². Não faria sentido, portanto, dissociar a formação filosófica da formação didática do ensino de Filosofia, pois isso significaria tentar separar o inseparável: a história do pensamento da maneira como ele foi e ainda é transmitido.

¹ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO & SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. Orientações curriculares para o ensino médio. Brasília: MEC & SEB, 2006, p. 17.

² Cf., por exemplo, os textos mais recentes de Márcio Danelon, da Faculdade de Educação da UFU, e de Sílvio Gallo, da UNICAMP, respectivamente: “Em torno da especificidade da filosofia: uma leitura das ‘Orientações Curriculares Nacionais de filosofia para o Ensino Médio’” e “Ensino de filosofia: avaliação e materiais didáticos”, in: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO & SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. Filosofia. Brasília: MEC & SEB, 2010, pp. 185–202 e pp. 159–170. Col. “Explorando o Ensino”, vol. 14. Cf. também SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO & COORDENADORIA DE ESTUDOS E NORMAS PEDAGÓGICAS. Proposta curricular para o ensino de filosofia – 2º grau. São Paulo: SEE & CENP, 1992.

Esses dados, assimilados e expostos pelas diretrizes referentes ao Ensino Médio com base na experiência e na reflexão dos educadores em Filosofia, podem e devem ser ampliadas para o Ensino Superior, pois refletem a mesma experiência e a mesma reflexão, ainda que em níveis distintos. Na verdade, o que difere a abordagem filosófica do Ensino Médio e do Ensino Superior é o nível de profundidade com os temas e autores são abordados.

Além disso, quando se diz que **conteúdo e forma** não se distinguem na formação filosófica, tem-se em vista que o método é dado pelo conteúdo. Um exemplo: ler a *Metafísica* de Aristóteles é uma tarefa que impõe um ritmo próprio, pelo acompanhamento do pensamento silogístico; diferentemente, ler a *Genealogia da moral* de Nietzsche impõe outro ritmo, pois a escrita do autor aproxima-se mais da expressão artística do que da lógica clássica. Assim, aquilo que se chama, muitas vezes, de “metodologia” não pode ser confundido com o “talento” do professor (segundo a terminologia empregada pelo trecho das *Orientações* citado acima); menos ainda com uso de recursos tecnológicos, pois, à parte as experiências culturais que seriam de se esperar de todo cidadão culto (cinema, exposições, música etc.), o estudo filosófico concentra-se sempre no mesmo alvo: a abordagem dos textos filosóficos, preferencialmente nas línguas originais dos pensadores estudados ou em boas traduções.

Isso põe em destaque a especificidade da formação filosófica, pois, raciocinando por contraste, é possível dizer que, em outras áreas do saber nem sempre se dá conta de que é o conteúdo ou o objeto que impõem o método. Em Filosofia, não há a preocupação de “integrar” conteúdo e forma ou método, pois em nenhum momento eles aparecem dissociados (como se requeressem “integração”).

Quanto ao “currículo” de Filosofia, tampouco ele comporta debates, pois é definido pela História da Filosofia e pelos autores contemporâneos que a ela se conectam. Dessa perspectiva, não há uma abordagem “recomendada” em Filosofia. Toda obra é uma porta de entrada para a formação filosófica. Portanto, nosso conteúdo são as obras filosóficas mesmas; e nosso trabalho, a exegese dessas obras, razão pela qual não faz sentido, em Filosofia, adotar expressões como “referenciais filosóficos” ou “diretrizes filosóficas”, como se elas significassem posturas assentadas e universais.

Dadas essas razões, é preciso salientar que, desde sua entrada na graduação, o estudante de Filosofia é confrontado com o tema do ensino-aprendizagem num grau que outros ramos do saber normalmente não apresentam. Para retomar o exemplo dado pelas *Orientações* no trecho citado acima, não é comum que um estudante de Física inicie seu curso pela reflexão sobre o que é a Natureza e como se pode conhecê-la. Quando o faz, adentra o campo da reflexão filosófica.

Por isso, a CEPG do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNIFESP considera desnecessário solicitar aos seus estudantes que dediquem parte de seu tempo a

uma disciplina teórica voltada para a temática do Ensino Superior. Por que haveriam eles de debruçar-se sobre temas (isolados de uma perspectiva “didática”) que já são elaborados desde seu primeiro contato com o pensamento filosófico. Por que, por exemplo, tratar de um tema como a própria “educação” (como se essa noção fosse consensual) quando eles já se depararam com o tema no pensamento de Platão, Santo Agostinho, Rousseau, Hegel e outros? Por que retomar os temas da relação entre educação e sociedade, cultura, humanização etc., quando já passaram pelos autores da Escola de Frankfurt, os fenomenólogos, os filósofos da ciência, os pós-modernos e outros? Os exemplos poderiam ser multiplicados, mas esse não é o caso aqui.

Quanto à preocupação com a interdisciplinaridade, a Filosofia é o território privilegiado para ela, pois a investigação filosófica debruça-se exatamente sobre os fundamentos das práticas e saberes. Nas palavras do pensador francês Maurice Merleau-Ponty, a Filosofia volta-se para tudo o que é “autenticamente humano”³. Dessa perspectiva, quando um pesquisador (aluno ou docente) de outra área manifesta interesse pela investigação filosófica, a postura mais adequada a tomar é o contato direto com a formação de um pesquisador em Filosofia, ou seja, a frequência dos mesmos conteúdos e métodos, ainda que esses possam ser direcionados aos interesses imediatos desse pesquisador.

Por fim, cabe dizer que os docentes do Departamento de Filosofia não consideram favorável, no contexto do PAD, a realização de um quadro de seminários com o objetivo de debater seja o ensino de Filosofia seja o Ensino Superior, pois consideram que debater sobre a noção de “educação” e sobre a inserção dessa no contexto atual requereria uma reflexão filosófica de maior envergadura, dificilmente possível num quadro de seminários. Além disso, por iniciativa e coordenação de nossos alunos, será realizado um quadro de seminários dos alunos de pós-graduação, com apresentação de pesquisas, debates interdisciplinares etc. Não haveria razão para multiplicar eventos que, no final das contas, esvaziam-se pela sobrecarga e esgotamento dos participantes.

Nossos alunos têm tido 2 anos para concluir seu trabalho de mestrado. Com prorrogações, chegam a 2,5 anos (depois do que não têm mais bolsas). Por essa razão, o Programa de Pós-Graduação em Filosofia deseja marcar a necessidade de sermos sensíveis, no sentido de preservar ao máximo nossos pós-graduandos do envolvimento com atividades não necessárias.

³ Cf. MERLEAU-PONTY, M. “Em toda e em nenhuma parte”. In: Merleau-Ponty. Trad. de Marilena S. Chauí. São Paulo: Nova Cultural, 1984. Col. “Os Pensadores”.

2. Proposta de atividades para o cumprimento das exigências do PAD na UNIFESP

Considerando as *Normas do Plano de Aperfeiçoamento Didático (PAD)*, aprovadas pelo CPG em 18.11.2008 e pelo CG em 26.11.2008, a CEPG do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNIFESP propõe:

2.1. Preparação Pedagógica

2.1.1. Para alunos com formação em Filosofia

A Preparação Pedagógica requerida pelo PAD coincidirá com as unidades curriculares já oferecidas pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNIFESP e dos outros Programas de Pós-Graduação da UNIFESP. O pós-graduando será instado a dedicar especial atenção à performance do docente que ministrará a respectiva unidade curricular, refletindo sobre sua possível docência no futuro.

2.1.1. Para alunos sem formação em Filosofia

O Programa de Pós-Graduação em Filosofia acolherá em regime de orientação os interessados em realizar sua Preparação Pedagógica, no contexto do PAD. O processo formativo constará das seguintes etapas:

- (a) entrevista com a coordenação do Programa de Pós-Graduação em Filosofia;
- (b) determinação de um docente para acompanhar a Preparação Pedagógica do pós-graduando. Essa determinação será feita de acordo com as áreas de interesses do pós-graduando e a melhor abordagem filosófica possível no momento;
- (c) a frequência de um curso oferecido pelo Departamento de Filosofia;
- (d) a elaboração de um trabalho acadêmico de acordo com o acompanhamento docente realizado.

Para dar um exemplo de como esse regime de orientação ocorrerá, consideremos que um pós-graduando da área de Biologia solicite fazer sua Preparação Pedagógica no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNIFESP. Caso ele não tenha tido nenhuma formação filosófica, a coordenação certamente convidará um docente da área da Filosofia da Ciência ou da Filosofia da Vida para acompanhá-lo. Em acordo com o docente, o pós-graduando pode ser convidado a frequentar as unidades curriculares

ligadas à Filosofia da Ciência ou à Filosofia da Biologia, dedicando especial atenção à performance do docente que ministrará o curso. Ao final, o pós-graduando apresentará ao docente designado para acompanhá-lo um trabalho acadêmico referente à unidade curricular frequentada.

2.2. Estágio Supervisionado em Docência

Os pós-graduandos do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNIFESP (obrigatoriamente para os bolsistas REUNI e opcionalmente para os não bolsistas REUNI) matricular-se-ão, na qualidade de estagiários, em uma das unidades curriculares oferecidas pelo Departamento de Filosofia da UNIFESP, devendo realizar as atividades solicitadas pelos docentes das referidas unidades curriculares, visando o aperfeiçoamento docente no contexto do PAD. A carga horária mínima será de 36h, correspondendo a 3 créditos. Para o caso de alunos sem formação filosófica que desejarem realizar seu estágio no Departamento de Filosofia da UNIFESP, será solicitada especial atenção dos docentes para com esses alunos, inclusive no que diz respeito à sugestão de leituras e atividades que lhes permitam bem acompanhar as atividades do curso.